

## CAROLINA MARIA DE JESUS E CLARICE LISPECTOR: RELATOS FEMININOS DA DÉCADA DE SESSENTA NO BRASIL

Lais da Silva Ortega<sup>1</sup>  
Ana Carolina Teixeira Pinto<sup>2</sup>

### RESUMO

A presente pesquisa visa realizar uma leitura comparada das obras “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus e “Correio Feminino” de Clarice Lispector na década de 60. Neste estudo, objetivamos analisar criticamente essas obras colocando em evidência algumas semelhanças e diferenças. Considerando o lugar de fala de cada uma, problematizamos as seguintes pautas: feminilidade, maternidade e o prazer da escrita. Além disso, discorremos sobre a noção contemporânea de *lugar de fala* com o objetivo de contribuir com os estudos da crítica literária sobre os textos de autoria feminina. Para tanto, utilizamos as contribuições de duas teóricas feministas brasileiras para fundamentar nossos argumentos, sendo elas Marcia Tiburi e Djamila Ribeiro.

Palavra-chave: Feminismo. Comparação. Lugar de fala. Carolina Maria de Jesus. Clarice Lispector.

### RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo realizar una lectura comparativa de las obras "Quarto de Despejo" de Carolina Maria de Jesus y "Correio Feminino" de Clarice Lispector en la década de 1960. En este estudio, pretendemos analizar críticamente estas obras, destacando algunas similitudes y diferencias. Considerando el lugar del discurso de cada una, problematizamos las siguientes pautas: feminidad, maternidad y práctica de la escritura. Además, discutiremos la noción contemporánea de lugar del discurso con el objetivo de contribuir a los estudios de crítica literaria sobre textos de autoría femenina. Por lo tanto, utilizamos las contribuciones de dos teóricas feministas brasileñas para apoyar nuestros argumentos, a saber, Marcia Tiburi y Djamila Ribeiro.

Palabra clave: Feminismo. Comparación. Lugar de habla. Carolina María de Jesús. Clarice Lispector.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de licenciatura em Letras - Português e Espanhol - 10º Fase. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. (lais\_12\_ortega@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Literatura pela UFSC. Orientadora. Professora do Curso de licenciatura em Letras - Português e Espanhol. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. (anacarolinatpinto@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

Neste meu espaço de lugar fala como estudante de Letras, mulher, filha e professora, tenho a oportunidade de oferecer visibilidade a duas escritoras brasileiras magníficas abordando esse assunto, Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector. É muito importante termos a capacidade de ouvir as diversas vozes que circulam pelo nosso mundo, não apenas dar importância pelo o que é falado, mas também para quem fala.

Esse artigo se trata de uma leitura comparativa entre a obra de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo - diário de uma favelada* (2018), tendo sua primeira publicação no ano de 1960, e *Correio feminino* (2006) de Clarice Lispector. Essa coletânea de Clarice contém textos inéditos que a escritora publicou em três colunas diferentes: “Entre Mulheres”, coluna do tabloide Comício, publicada entre maio e setembro de 1952, “Correio Feminino - Feira de Utilidades”, feita em agosto de 1959 e fevereiro de 1961 para o jornal Correio da Manhã e “Só para Mulheres” publicada entre abril de 1960 e março de 1961 para o jornal Diário da Noite. Ambas escritoras iniciaram suas obras no fim de 1950 a início de 1960, uma em seus cadernos retirados do lixo e outra em três periódicos da cidade.

Os compilados de Clarice foram de grande importância para a classe burguesa da época. A escrita era em tom de conversa entre amigas e trazia conselhos e dicas sobre relações sociais e amorosas, educação dos filhos, comportamento e entre outros temas. Ao passar dos anos suas leitoras foram analisando criticamente suas obras, Ferreira e Crozara dizem que

[...] é inegável que há, em sua produção literária diversos valores patriarcais, apontando outro caminho ficcional baseado na conscientização do ser humano, ao denunciar uma sociedade guiada por preceitos dos homens, e na valorização do universo feminino. (FERREIRA E CROZARA, 2020 p. 43)

O best-seller de Carolina nos mostra que por ela ser mulher, negra e favelada, vivia limitada pela sociedade patriarcal, escravocrata e classista de São Paulo. Isso é muito atual na época em que vivemos, pois ainda existe mulheres negras, homens negros e indígenas lutando para sobreviver em meio a sociedade opressiva.

Diante disso é necessário entender que lugar de fala é fundamental para expressar sua originalidade e mostrar seu direito de existir, de viver através de

outras possibilidades e não somente viver nas que foram impostas pela sociedade opressiva que é um lugar de subalternidade, objetificação dos corpos, entre outros.

A luta das mulheres é constante, visto que estão sempre tentando sair da visão e do pensamento do que a sociedade historicamente define ser uma mulher. Por esse motivo se faz necessário a atitude de termos voz para decidir e pensar por nós mesmas. De acordo com Marcia Tiburi, em seu livro *Feminismo em comum*

Não há nada mais absurdo para o patriarcado do que o direito ao corpo. Assim como é importantíssimo que as mulheres sejam donas da própria sexualidade e do todo seu corpo, elas devem ser donas de seu corpo reprodutivo. As mulheres precisam reivindicá-lo, porque o corpo feminino, assim como o corpo marcado como negro e o corpo usado - como o do operário -, precisa ser devolvido a si mesmo. (TIBURI, 2018, p.37)

A importância da fala para as mulheres negras é entender que não é justo em um país onde elas são a maioria não estar representadas em espaços importantes, ou somente estar representadas em espaços que a sociedade impõe. No livro de Djamilia Ribeiro *Quem tem medo do feminismo negro* a autora afirma que

Pensar novas epistemologias, discutir lugares sociais e romper com uma visão única não é imposição - é busca por coexistência. Ao quebrar a máscara, estamos atrás de novas formas de sociabilidade que não sejam pautadas pela opressão de um grupo sobre outro. (RIBEIRO, 2018, p.26)

Além de compreendermos que as mulheres negras são importantes, precisamos entender que leituras de autoras negras também é. Com as leituras conseguimos perceber seus conhecimentos e seus pensares de diversas razões e maneiras.

Nesse sentido, essa pesquisa é um convite a problematização sobre as semelhanças e diferenças entre mulheres oriundas de dois diferentes lugares de fala no Brasil da década de sessenta. Para tanto, escolhemos os textos de duas escritoras que viveram e publicaram nesse período histórico e que, cada uma à sua maneira, destacaram e relataram a própria condição da mulher em seus textos. Nossa leitura comparativa destaca trechos dos textos nos quais as autoras colocam em pauta questões como feminilidade, maternidade e a tarefa de escrever.

## LUGAR DE FALA

A origem desse termo é indefinida, porém, o conceito inicial que veio a dar sentido ao termo surge com os textos *Can the subaltern speak?* (Pode o subalterno falar?, 1983) a Gayatri Spivak e *The problem of speaking for others* (O problema de falar pelos outros, 1991), da filósofa Linda Alcoff.

Atualmente o lugar *de fala* tem sido um conceito frequentemente usado nos movimentos identitários. No movimento LGBT, negro e feminista, há basicamente uma concordância em que o sujeito que vive o preconceito fala por si mesmo, sendo ele o único ser legítimo dessa luta.

O lugar de fala, politicamente falando, trata-se de uma resposta que manifesta-se como uma posição ao silêncio sistemático dos grupos sociais que sofrem opressão por parte dos que usufruem os privilégios. Deste modo, os que historicamente tiveram, e ainda têm, sua fala negada deveriam ter reconhecido esse direito e a legalidade de se expressar sobre as opressões que sofreram e sofrem.

Esse conceito existe para que cada indivíduo, que busca seu lugar de fala, lute e venha conquistar seu espaço. Uma característica bem marcante de nossa época é a maneira pessoal que expressa a existência de cada indivíduo como um ser diferente. Márcia Tiburi, em seu livro *Feminismo* (2018), explica que “o lugar de fala é fundamental para expressar a singularidade e o direito de existir” (TIBURI, 2018, p.114).

Muitas pessoas que estão envolvidas em movimentos sociais e em discussões em redes sociais, já devem ter visto ou escutado de alguém a seguinte frase “fique quieto, esse não é o seu lugar de fala”. Além disso, já devem ter lido textos que criticam a teoria sem ter nenhuma base, tendo intuito, apenas, de gerar polêmica.

Nota-se que muitas vezes o conceito de “lugar de fala” é vazio por conta dessa necessidade de solução imediata que as redes implementam ou porque os grupos que sempre estiveram no poder ficam incomodados com o progresso dos discursos de grupos minoritários em teor de direitos.

Os grupos minoritários, na luta pelo lugar de fala, não podem esquecer das marcas e das dores vividas. Diante disso é preciso assentir a solidariedade entre os discursos que demandam direitos. Ela não pode ser deixada de lado, pois nela, o lugar de fala edifica um contexto dialógico.

A luta pelo lugar de fala não é uma luta para si e sim uma luta pelo lugar de todos. Segundo Marcia Tiburi

Lutar por direitos não significa lutar pelos próprios direitos em um sentido individual. A noção de direito implica sempre a sociedade. Por isso é que podemos dizer que a luta é lugar de todos, ou seja, implica não apenas a aparência, mas a presença concreta das diferenças objetivas e subjetivas. (TIBURI, 2018, p.55)

Há muitas críticas em relação ao conceito do “lugar de fala”, pois os críticos analisam os indivíduos e não as condições que levam as desigualdades e as hierarquias que posicionam grupos subalternizados. Esses grupos, de modo algum, não produzem métodos para enfrentar os silêncios institucionais, existem as organizações intelectuais, culturais e políticas, porém as condições sociais complicam a visibilidade e a autenticidade desses métodos.

As experiências impactantes do lugar social impedem a população negra de ter acesso a certos espaços. No livro de Djamila Ribeiro *O que é lugar de fala* ela destaca que

É aí que entendemos que é possível falar de lugar de fala a partir do feminist standpoint: não poder acessar certos espaços, acarreta em não se ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até de quem tem mais acesso à internet. O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social. (RIBEIRO, 2017, p.35)

Quando se fala do direito à existência digna, à voz, está relacionada ao locus social, como esse lugar imposto complica a possibilidade de transparência. É lamentável o fato dos críticos darem mais atenção às questões de ações individuais em vez das experiências em comuns.

## **CAROLINA MARIA DE JESUS**

Em 14 de março 1914, em Minas Gerais, nascia Carolina Maria de Jesus, uma das escritoras negras brasileiras. Teve seu contato com a escola até o 2ª ano

do ensino fundamental, após isso, teve que interromper os estudos por conta de seu trabalho como lavradora.

Sua oportunidade de estudar se deu pelo fato de que, na época, pessoas com grande influência contribuía financeiramente para manter as crianças pobres da cidade estudando. A beneficiadora de Carolina foi Maria Leite Monteiro de Barros, para quem sua mãe trabalhava.

Ainda jovem, Carolina teve que superar a morte de sua mãe e se mudar para São Paulo a pé. Trabalhou por um período como empregada doméstica em casa de famílias conceituadas. Uma dessas casas era do DR. Zerbini, nela teve acesso a uma biblioteca, onde passava seus dias de folga. Teve que abandonar seu emprego após engravidar.

Com os materiais e madeira que Carolina coletava, construiu sua própria casa na favela do Canindé. Essa favela ficava situada às margens do Rio Tietê em São Paulo e na época era conhecida como morada dos marginalizados da pobreza e dos fora da lei.

Com o passar dos anos, a necessidade de catar não mudou. Devido às suas condições teve que revirar o lixo para achar restos de comida, catar quilos de papel, ferro e carregar na cabeça para dar o que comer aos seus três filhos e a si mesma e ainda, durante os vários anos vividos na favela, aprendeu a lidar com ameaças e comentários maldosos dos vizinhos.

A obra de Carolina além de possuir relevância literária, apresenta também uma representatividade de uma classe marginalizada que na época não tinha voz. Ela representa seu gênero e muito mais que isso, representa a voz das mulheres negras naquele contexto histórico.

Seus escritos compilados no livro *Quarto de Despejo* tiveram início em 15 de Julho de 1955. Para ela a escrita era uma atividade terapêutica. Em seu diário contava o seu dia a dia, escrevia seus repúdios pelos vizinhos e pelo governo. Além disso, usava da escrita para alimentar seu desejo de sair da favela. A pesquisadora Érica de Souza Oliveira comenta que

Seu diário era o local, no qual ela podia extravasar angústias, pensamentos ou mesmo emoções, tendo em vista o dia-a-dia conturbado de escassez na comunidade. No entanto, era também o espaço onde exercitava uma escrita, não só para falar de misérias, mas para fazer arte, a arte da palavra. (OLIVEIRA, 2018, p.107)

Para o pesquisador Francis (2016) a autobiografia é um registro de uma vida narrada e o seu discurso é construído pela presença do “eu”. É um gênero que somente o sujeito pode oferecer aos outros uma narração completa de si. Para Fernandez (2015) o diário de Carolina é classificado como autobiográfico e em diversos momentos ela propõe uma análise voltada para si mesma.

Mulher forte e determinada é o que podemos chamar Carolina, fazia questão de trazer em suas narrativas assuntos ligados ao seu povo, se aprofundando na esfera do discurso público para basear seus argumentos. Ela cria uma fala acessível ao público, em busca não apenas de próprios benefícios, mas também em busca de benefícios para seus semelhantes.

## **CLARICE LISPECTOR**

A literatura ganhou um grande nome no século XX. Clarice encantou seus leitores por ter uma linguagem poética e por ser inovadora em suas escritas. Seu primeiro livro publicado foi *Perto do Coração Selvagem* em 1944, ganhou o Prêmio Graça Aranha.

Clarice nasceu na aldeia de Tchetelnik, na Ucrânia. Com seus dois meses de vida, durante a Guerra Civil Russa, seus pais tiveram que fugir para o Brasil por conta das perseguições contra os judeus. Vieram para o Brasil porque a mãe de Clarice tinha uma irmã na região de Maceió, Alagoas.

Ainda quando criança, Clarice aprendeu em sua escola os idiomas inglês e francês e escutou muito seus pais falando seu idioma nativo. Concluiu seu estudo ginásial no Colégio Sílvio Leite no Bairro da Tijuca, RJ. Formou-se em Direito na Faculdade Nacional de Direito.

Na faculdade casou-se com um diplomata e após concluir a faculdade foram morar fora do país e tiveram dois filhos. Em 1959 se separou, voltou ao Brasil e logo começou a trabalhar no “Jornal Correio da Manhã”, assumindo a coluna “Correio Femenino”.

Nessa coluna Clarice começa a dar conselhos de beleza e de como manter uma boa postura a frente dos outros para conquistar o bem-amado, dessa vez seu codinome era Helen Palmer no periódico Correio da Manhã.

Em todos seus escritos, Clarice busca o universo da mulher para dar conselhos e trazer reflexões. Com a observação que o cenário político estava indo de mal a pior e na época iniciava o período da ditadura militar, viu que era necessário um acolhimento a todas as mulheres.

Seus textos foram selecionados dos periódicos que escrevia e transformados na obra *Correio Feminino*, um compilado feito por Aparecida Maria Nunes. Além disso, o livro contém fotos e outras imagens relacionadas a suas publicações para levar o leitor a uma idealização do mundo feminino.

Para Butler (1998, p. 30, *apud* LEONOR, 2019, p.3) “O sujeito é construído mediante atos de diferenciação que o distinguem de seu interior constitutivo, um domínio de alteridade degradada associada convencionalmente ao feminino, mas não exclusivamente.” O *Correio Feminino* mostra uma versão diferente de Clarice na escrita e ela como mulher perante a sociedade da época.

Clarice em sua obra quer transparecer que a mulher pode fazer e ser o que quiser. Adriele Karla Artusi Leonor conclui em seu artigo dizendo:

...] foi intencional ela se mostrar tanto mais feminina como feminista, e mostrar seu íntimo como mulher, ela precisa disso para se aproximar de seu público. Então ter um perfil intimista, ser ela mesma era realmente essencial para que ela ajudasse mulheres daquela época, isso transmitiria confiança às leitoras, já que suas colunas eram verdadeiros diálogos femininos regados de conselhos e dicas de beleza, alguns conselhos familiares. (LEONOR, 2019, p.3)

## LEITURA ENTRE AS OBRAS DE CAROLINA E CLARICE

Lugar de fala não é apenas diálogo e sim uma questão de existir em meio a sociedade sem ser calado ou criticado. Ambas as escritoras tiveram suas oportunidades, Clarice mais que Carolina, pois pertencer a classe burguesa a deixavam mais a frente de Carolina.

O Brasil na década 1960 prosperava com o desenvolvimento econômico e quem governava o país era Jucelino Kubitschek, mas era perceptível que esse desenvolvimento aconteceu apenas nos centros urbanos das capitais, pois favorecia apenas os povos da elite e os grandes empresários.

Ao observar as escritas de Clarice em sua obra *Correio Femenino* é visto que é destinada ao público feminino da elite:



Ao atentar para a escritura de Clarice Lispector, é notório que sua literatura pode ser observada como retrato do cotidiano feminino em diversas implicações rotineiras, suscitando, por meio de suas personagens, a conscientização, mesmo que momentânea, quanto ao papel de mulher atuante na vida doméstica e na pública. (FERREIRA, Yvonélio Nery; CROZARA, Marília Simari, 2020, p.44)

É possível discordar da afirmação dos escritores Ferreira e Crozara onde dizem que ler as escritas de Clarice nos mostra o esboço do cotidiano feminino em diversas situações rotineiras. Não é para todo o público feminino e sim para o público feminino da alta sociedade.

Carolina Maria de Jesus é um exemplo claro de que não tinha acesso aos escritos de Clarice. Vivia de uma maneira limitada imposta pela sociedade e pelo governo, ganhava dinheiro pelo seu esforço físico e quando não tinha forças para ir trabalhar não havia dinheiro para matar sua fome,

Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicida-nos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida. Quem vive, precisa comer. Fiquei nervosa, pensando: será que Deus esqueceu-me? Será que ele ficou de mal comigo?. (JESUS, 2018, p.174)

No livro de Carolina notamos as más condições de vida representadas pela fome, falta de conhecimento em algumas áreas e pela indiferença política e social. Essa mulher vira uma grande escritora na época por ser porta-voz desse povo, tratado com desdém, que vivia na favela.

Clarice usou seus pseudônimos por estratégia e medo de que seus textos não fossem aceitos por seus leitores. Já tinha uma carreira renomada e colocar seu nome verdadeiro nos periódicos colocaria ela em jogo, pois a sociedade iria ver o lado feminista dela o que na época não era visto como bom.

Já Carolina, que nem carreira de escritora tinha, buscava no lixo um meio de sobrevivência para seus filhos e para ela. Isso vai muito além juntar lixo para trocar por dinheiro, era comer o que estava nele e para chegar onde chegou, recolher os cadernos que eram descartados. Mesmo saindo da favela, por conta das vendas de seu diário, ela ainda sofreu preconceito racial, por ser negra e por ter sido pobre.

Mesmo com dificuldades Carolina ganhou seu lugar de fala no mundo da literatura e Clarice como já tinha, manteve. O diário de Carolina ganha importância por acabar com a ideologia de inclusão por meio literário mediado por outro. Este

diário teve ajuda de Audálio Dantas, um jornalista, na publicação de seu livro e na conquista por um espaço em meio a sociedade burguesa.

Dantas era jornalista e ficou responsável por escrever uma matéria sobre a favela que se expandia pelo rio Tietê. Em meio ao caos ele encontrou Carolina que logo mostrou que tinha algo a dizer. O diário de Carolina continha tudo o que ele precisava para essa reportagem, por esse motivo ele desistiu de escrevê-la.

Clarice iniciou esses escritos devido ao cronista Rubem Braga que a convidou para se aventurar na criação de páginas dedicadas às mulheres no periódico *Comício*. Em todos os jornais em que ela trabalhou escrevia sobre o mundo da mulher, dava conselhos e fazia reflexões. O livro foi organizado pela professora Aparecida Maria Nunes e dividido em 5 blocos, pois segundo a professora caracteriza o trajeto de Clarice no assunto de falar sobre as mulheres em uma linguagem mais acessível.

É possível identificar, a todo momento, que Clarice deixa claro que “A mulher deve ser primeiro que tudo feminina” (LISPECTOR, 2006, p.100) e critica as mulheres que veem a autonomia como uma igualação aos homens. Além disso, ela queria despertar em suas leitoras duas posturas, mulher atraente/sedutora e mulher autônoma:

Você, minha amiga leitora, não limite o seu interesse apenas à arte de embelezar-se, de ser elegante, de atrair os olhares masculinos. A futilidade é fraqueza superada pela mulher esclarecida. (LISPECTOR, 2006, p.351 kindle)

O objetivo de Clarice alcançou muitas pessoas, mas não alcançou Carolina. Sua fome a deixava ainda menos sedutora e atraente, já estava sem dentes e principalmente sem forças para continuar lutando por uma vida digna. Sua autonomia se tornou o que Clarice criticou em alguns de seus escritos, Carolina se desencantou por ter sofrido em seus relacionamentos, sempre acabava sendo abandonada e criando seus filhos sozinha, “Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis.” (JESUS, 2018, p.17).

Todo dia era uma batalha para poder sobreviver em meio ao caos da própria vida e fazer com que esse caos não afetasse tanto seus bem preciosos. Carolina precisava educar e proteger seus filhos para que não ficassem mal educados e largados pela rua. Em um relato de seu diário ela nos conta que:

Assustei quando ouvi meus filhos gritar. Ouvi a voz da Vera. Vim ver o que havia. Era o Joãozinho, filho de Deolinda, que estava com um chicote na mão e atirando pedra nas crianças. Corri e arrebatei-lhe o chicote das mãos. Senti o cheiro de álcool. Pensei: ele está bêbado porque ele nunca fez isto. Um menino de 9 anos. o padrasto bebe, a mãe bebe e a avó bebe. E ele é quem vai comprar pinga. E vem bebendo pelo caminho. ( JESUS, 2018, p.109)

Como Clarice mesmo dizia:

Uma verdadeira mulher e mãe sabe que seus deveres vão além de alimentar, enfeitar e agasalhar o seu filho. Antes de tudo, deve dar-lhe amor. Amor que é devoção, cuidado, orientação e, sobretudo, participação em seus problemas e suas dificuldades. Toda mãe deve conhecer o filho que trouxe ao mundo, e isso consegue chegando-se a ele, ouvindo-lhe as primeiras queixas e os primeiros desejos. (LISPECTOR, 2006, p.595 kindle)

Em seu diário é visto o quanto Carolina era amorosa com seus filhos, os ajeitava para irem a escola, andava muito para dar o que comer a seus filhos e a ela mesmo, mandava remendar sapatos jogados no lixo para seus filhos terem o que calçar, pois seu dinheiro era sempre contado para comprar o que comer,

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. (JESUS, 2018, p. 11)

No quesito mãe, ambas escritoras se igualam em pensamentos, por mais que estivessem numa realidade diferente, o amor sobre um filho, para elas, nunca poderia ser comparado com outra coisa. Mas em questões de trabalho se divergem. Para Clarice, mesmo a mulher trabalhando fora de casa não deveria perder sua elegância e feminilidade, “Por favor amigas que vivem no mundo dos negócios! Sejam eficientes, trabalhadoras, objetivas, mas não permitam que isso afete a sua feminilidade” (LISPECTOR, 2006, p. 364 kindle). Não há como Carolina, com suas condições precárias, se manter nessa classe que Lispector fala, pois seu trabalho exigia esforço braçal, caminhadas o dia inteiro, buscar baldes de água pela manhã, entre outras coisas. Em seu livro ela relata que, “O meu rosto é quase igual ao de

minha saudosa mãe. E estou sem dente. Magra. Pudera! O medo de morrer de fome!” (JESUS, 2018, p.175).

Vemos que o padrão de vida que cada uma levava na década de 60 era diferente. Em poucas coisas concordavam, no entanto, além do cuidado com a criação dos filhos, ambas tinham algo mais que comum, o encanto pela escrita. Clarice como uma boa articuladora escreveu uma crônica chamada *Escrever* para relatar seus sentimentos sobre a escrita:

#### ESCREVER

Eu disse uma vez que escrever era uma maldição. Não me lembro porque exatamente eu o disse, e com sinceridade. Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva.

Não estou me referindo muito a escrever para jornal. Mas escrever aquilo que eventualmente pode se transformar num conto ou num romance. É uma maldição porque obriga e arrasta como um vício penoso do qual é quase impossível se livrar, pois nada o substitui. E é uma salvação.

Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva. Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permanecerá apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada.

Que pena que só sei escrever quando espontaneamente a “coisa” vem. Fico assim a mercê do tempo. E, entre um verdadeiro escrever e outro, podem-se passar anos.

Lembro-me agora com saudade da dor de escrever livros. (LISPECTOR, 1999, p. 134)

O que chama atenção nessa crônica, logo de primeiro momento é ela tratar o ato de escrever como algo maldito. Lima e Moraes (2012, p.197) argumentam que a utilização dessa expressão é a impossibilidade de fuga que o escritor está escondendo, é como se a escrita fosse muito além do destino previsto.

Um ponto interessante nessa crônica de Clarice é que, por mais que ela considere o ato de escrever uma maldição, ele também é o que salva e que passa todos os limites reais e irrealis. É através dele que o inexplicável poderá ser agraciado, pois é na escritura que Clarice deposita suas esperanças de se expressar.

Em vários momentos no diário de Carolina é perceptível o hábito da prática de leitura e escrita, pois esse hábito preenchia o vazio dela, “Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem.” (JESUS, 2018, p.24). Quando era dia de chuva, Carolina se via incapaz de sair na chuva para trabalhar, então ela aproveitava para se deliciar em seus livros, além de tirar um

tempo para relatar seu dia, “Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler.” (JESUS, 2018, p.26). “O João e a Vera deitaram-se. Eu fiquei escrevendo. O sono surgiu, eu adormeci.” (JESUS, 2018, p.191)

Podemos notar que para ambas a escrita é a salvação, pois tira elas de suas rotinas e as levam para um lugar que elas podem se expressar, se desligar do mundo que as cercam. A salvação vai muito além para elas, como Clarice coloca em sua crônica, “Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva. (LISPECTOR, 1999, p. 134) ”.

A leitura dessas obras nos mostra o quão importantes elas são no universo feminino. Clarice passa várias singularidades da mulher na sociedade brasileira de seu tempo, deixando subentendido o desejo que ela tinha de que as mulheres fossem mais independentes e melhorar o espaço delas na sociedade patriarcal brasileira. A valorização na obra de Carolina é revelada na medida em que é possível perceber o prenunciador dela mesmo ao revelar suas constantes batalhas por parte de grupos marginalizados para se ter voz no espaço ideológico e em movimentos sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como relatado e observado, Carolina e Clarice são duas mulheres que iniciaram sua vida de escritora distintamente na década 50 e 60. Clarice Lispector fala sobre a mulher em suas diversas características na sociedade brasileira daquela época, sempre destacou que a mulher não poderia perder sua feminilidade mantendo-se elegante e com sua beleza sempre em dia. Já na obra de Carolina Maria de Jesus observamos a força que essa mulher escritora tem ao estar disposta a passar pelas mudanças que aconteceram em sua vida, o valor dessa obra nos revela as intensas lutas do grupo marginalizado, para terem sua própria voz reconhecida no espaço ideológico e em movimentos sociais.

Diante disso, *Quarto de Despejo* marca uma importante mudança na maneira de representação literária, estamos tratando de uma obra muito importante para se pensar na delimitação das fronteiras da Literatura Brasileira Contemporânea. A obra de Clarice também é importante, pois ela quer passar autonomia para a mulher dando dicas sobre atitudes, postura e sedução em defesa do espaço da mulher na

sociedade patriarcal brasileira, mas é nítido que essas dicas são específicas para as mulheres da alta sociedade daquela época e não para todas as mulheres.

## REFERÊNCIAS

- CHAGAS, Juary. **O “lugar de fala” nos movimentos: pressupostos teóricos pós-moderno, materialização prática fragmentária**. UFES, Espírito Santo, 2018.
- DUARTE, Francis Paula Correa. A memória na sala de aula: o gênero diário íntimo e a (re)construção da identidade. **EntreLetras**, Araguaína, v. 7, n. 2, jul./dez. 2016.
- FERREIRA, Yvonélio Nery; CROZARA, Marília Simari. Outro lugar para a mulher em *Correio feminino*, de Clarice Lispector. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v.45, n. 84, p. 40-46, set./dez. 2020.
- FRAZÃO, Dilva. Clarice Lispector, escritora e jornalista brasileira. **Ebiografia**. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/clarice\\_lispector/](https://www.ebiografia.com/clarice_lispector/)>. Acesso em 03 jan. 2022
- HOOKS, Bell. **Teoria Feminista: da margem ao centro**. Trad. Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: Diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 10º ed. 2018.
- LEONOR, Andriele Karla Artusi Leonor. **A escrita feminina e feminista, em Correio Feminino de Clarice Lispector**. EAIC: Ponta Grossa. 2019. Disponível em: <[https://siseve.apps.uepg.br/storage/EAIC2019/15\\_Adriele\\_Karla\\_Artusi\\_Leonor-156873892893174.pdf](https://siseve.apps.uepg.br/storage/EAIC2019/15_Adriele_Karla_Artusi_Leonor-156873892893174.pdf)>. Acesso em: 28 abr. 2021.
- LIMA, Maria Elenice Costa; MORAES, Vera Lucia Albuquerque de. O enigma da escritura: **Clarice Lispector mestre ou refém de sua escrita?**. A produção de autoria feminina - Vol. 2, n. 1, jan./jun. 2012.
- LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LISPECTOR, Clarice. **Correio feminino**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- LOPES, Elisângela Aparecida. A importância da leitura e da escrita para Carolina Maria de Jesus: uma análise do seu *Quarto de despejo*. **Literafro**. Disponível em: <<http://www.letas.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/1024-a-imp-ortancia-da-leitura-e-da-escrita-para-carolina-maria-de-jesus-uma-analise-do-seu-quarto-de-despejo-elisangela-aparecida-lobes>>. Acesso em 07 mar. 2022.
- MELO, Miguel Ângelo Silva de. ALENCAR, Yohana Maria Monteiro Augusto de. Uma análise interacionista sobre a construção social da pobreza na literatura brasileira por Carolina Maria de Jesus: “O quarto de despejo - Diário de uma favelada”. **Macabéa - Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v.6, n.1, p.29-41, jan-jun. 2017.

PERPÉTUA, Elzira Divina. A proposta estética em Quarto de despejo, de Carolina de Jesus. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v.18, n. 35, p.255-266. 2014.

ROCCO. Correio Feminino. Disponível em:  
<<https://www.rocco.com.br/livro/correio-feminino/>>. Acesso em: 27 abr. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 1º ed. 2018.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 11º ed. 2018.